

Mas o livro de Maria Luiza Tucci Carneiro é importante não apenas pelo conteúdo. Seu objetivo para-didático é plenamente alcançado, na forma leve (mas não superficial) e pelos exemplos que confirmam a análise crítica. É um dos raros textos atualizados sobre racismo, disponíveis para o ensino e a formação da cidadania, inclusive na universidade. A reflexão que propõe é fundamental. E urgente. O racismo não pode ter – e nem merece – tréguas.

*Renato Soares*  
Professor do Departamento de Comunicação Social da UFES.

COSTA E SILVA, Alberto. *Espelho do Príncipe: ficções da memória*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

Aos futuros leitores dessas surpreendentes páginas de memórias, plenas de solidariedade e poesia, devo sugerir, a título de iniciação, vejam antes a síntese de José Paulo Paes que, mestre da mesma Arte, nos antecipa virtudes literárias e originalidades do texto.

Falamos em surpresas, porque a nossa leitura foi agradável exercício de descobertas, desde a organização da matéria à variedade da sua expressão poética.

Como assinalou Valéry, citado alhures por Todorov, “La littérature est, et ne peut pas être autre chose qu’une sorte d’extension et d’application de certaines propriétés du langage”. De fato, somente as artes da Poesia poderiam tecer o tempo com palavras e expressões que perdem peso e lentidão para atingirem a fluidez do pensamento e a simultaneidade das emoções. É assim, o milagre se faz, como neste texto, cujo título e sub-título já nos antecipam o jogo poético da captação da Verdade, que pode ser vária e até contrária, como a que se reflete no espelho, além de uma pura “ficção da memória”.

O importante, no caso, é o envolvimento do leitor, sua integração no universo recriado, como se deste já fizera parte, em algum desvão do passado, ou estivera bem próximo, no paralelo das comuns experiências.

E os leitores mais jovens, quem sabe, poderão fruir as lições de vida, expostas sem a mínima pretensão, cativantes ainda pela superioridade das atitudes de individualidades bem diversas, todas sujeitas a inesperadas contingências, daquelas que fazem da vida um exercício “muito perigoso”, ou “uma luta renhida”, mas que também aprenderam que “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

Partimos de uma manhã ensolarada, o sol quente do setentrião, animada pelos ruídos caseiros, em contraponto aos trinos espontâneos de um canário. Traços esgarçados de um registro de primeira infância, que adiante se revelarão pertinentes

no elaborar de uma visão lírica da existência. Seguem-se, agora já mais bem organizadas no tempo e no espaço, as lembranças que o menino guardou da sua vida no Ceará, a partir do desembarque no então folclórico “porto” de Fortaleza, até a mudança, já adolescente, para o Rio de Janeiro, em todos os sentidos, a Capital do País.

As características do clima cearense continuaram-lhe adversas: “Não menos forte este sol. Um outro sol”. Mas as conseqüências se atenuavam com as novidades e agitações, próprias de uma hospedaria de estudantes e... de parentes. Em rápidos traços se desenha um painel, vivo, vibrante pela sucessão de imagens, dessas que se impregnavam na memória e se confundiam nos efeitos: a jovem criada, cantando e depenando a galinha para a cabidela do almoço “freqüentou a sua infância”, “deu ao menino a primeira imagem da crueldade da beleza”, além de perturbar-lhe os sonhos da adolescência: “Agora era ele quem pisava os pés escamados e as asas quentes da ave, pronto para usar a faca, cheio de horror, agonia e também do deleite da longa ereção amorosa. A moça era linda”.

Novas mudanças levam o menino a uma nova casa, alegre e confortável, em rua cheia de outras casas e essas casas cheias de muitas crianças. Logo estabelece a camaradagem e a vida então passa nos seus diferentes níveis e matizes. Em hábil contraponto, os acontecimentos, de vária ordem, do destino da Humanidade que se decidia nos campos de batalha da Europa às brincadeiras de rua, se entrelaçam habilmente e fazem do texto um quadro de viva animação, que sugere mais do que diz: perturbou-lhe o incidente do vizinho, enterrando no quintal os livros e outras provas do seu “pecado” ideológico; mas se tranqüilizou ao ouvir de sua mãe que “seu Caboclinho tinha direito às suas idéias e aos seus sonhos”.

Num outro diapasão, a ciranda diária dos vendedores ambulantes e dos pedintes, de todos os tipos, se alternando numa presença rotineira, desde as primeiras horas da manhã, quando “um verdureiro (que também agenciava o jogo-do-bicho) na rua, aos gritos, punha de pé o menino”. E logo a seguir passavam o leiteiro, os carvoeiros, os vendedores de aves e os sorveteiros (que contavam com o estímulo do calor da tarde), até a noite que trazia os pregões do amendoim torrãozinho, dos doces de fruta e os valeiros. Mas “lindos eram os jumentos dos floristas. Cabeça e focinheira vinham cobertas de flores, e flores escondiam o couro do peitoral, da cilha e da retranca das cangalhas”.

Alternando com os vendedores, passavam os mendigos habituais, de diferentes aspectos e atitudes. O texto, entretanto, ultrapassa os níveis do simples pitoresco. Fica-nos, nos detalhes e breves digressões, um sentido solidário e poético da vida.

Este traço recorrente é herança familiar. O exemplo de altruística dignidade da Avó ficou na memória viva do menino: ela sofrera silenciosamente a morte prematura de uma filha e “com a mesma humildade do silêncio ele a ouvira dizer, anos mais tarde, sem ênfase alguma, quase que a pedir desculpas pelas palavras: “- Nascemos

para fazer feliz o outro, os outros é que são importantes e não nós.” Tempos depois, o menino recordará: “Já se tornou saudades quem sentia saudades.”

Com o pai aprendeu o respeito aos valores maiores da vida e o encanto musical das palavras. A realidade era vista ou sentida pelo prisma que revelasse o que podia ter de essencial, permanente e belo. Era o que o menino pressentia ao ouvir seus versos: “O pai fala e a paisagem chega perto. O pai fala como quem canta”, ou apreciar os desenhos, como o que relembra a figura de Lampião, de um encontro casual com o famoso cangaceiro. Insistindo o menino por maiores detalhes, apenas ouviu que “- Ele também fazia versos”. Esse convívio, porém, fora truncado: “- Se o pai não ria, deixara de ter lágrimas -, à espera da morte, da morte que talvez, há tanto tempo, estivesse com ele, sem completar o abraço”.

Mudanças da família, agora para a Capital do País. Naturalmente se alterou, e muito, a rotina da vida. O embate cultural afetou o menino: nova escola, outros métodos pedagógicos, colegas estranhos e, sobretudo, costumes bem diferentes. O registro dessas experiências tem gama variada: vai do simplesmente anedótico ou pitoresco, até uma dimensão afetiva bem mais tocante, dessas que geram saudades: “Foi no fim do ano que se sentiu estrangeiro. Pelas ruas não passavam os pastores nem os reisados. As casas não tinham lapinhas, e, nas das igrejas, a paisagem não se estendia além da Galiléia. Faltava felicidade àqueles presépios castanhos, sem o giro das rodas gigantes e patinhos a nadarem em lagos de espelhos. Nada de guardas atrás de ladrões. Nada de zepelins e de misturas de séculos. Nas vitrines das lojas, piscavam, como no cinema, as luzes das árvores de natal, e nisto se esgotavam a novidade e a alegria”.

Outras vivências trouxeram os novos tempos e espaços. O menino amadurecia o espírito e se tornava capaz de intuir a fragilidade da condição humana, suas inevitáveis fraquezas e contradições, surpreendendo a inocência da “menina vestida de branco e azul”, com o seu pungente pedido de perdão.

*Rolando Morel Pinto*  
Professor da FFLCH/USP.

DUPRAT, Régis. *Música na Sé de São Paulo Colonial*. São Paulo, Paulus, 1995.

Os pesquisadores da história da atividade musical no Brasil são pessoas possuidoras de um tipo especial de obstinação. À custa de circunstâncias, elas vão de fungos e cupins, de reformas a demolições, até a falta de compreensão das lideranças de instituições que possuem documentos importantes em seus arquivos.